

O ENIGMA DE QAF: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Dora Rosa da Silva ¹

RESUMO: Neste artigo, nosso objetivo é mostrar as opções e estratégias utilizadas pela tradutora, por meio da análise de recortes discursivos da obra *O Enigma de Qaf*, de autoria de Alberto Mussa e tradução do português para o inglês de Lennie Larkin. Baseamos nossa análise em duas perspectivas teóricas acerca do processo tradutório: a visão tradicional e a visão contestadora ou desconstrucionista (ARROJO, 1996 e 2003; BENJAMIN, 2000; DERRIDA, 2002; JAKOBSON, 2004; MITTMANN, 2003, entre outros). Nossa análise permitiu uma maior reflexão acerca deste ato complexo que é traduzir, desvelando o *double bind* que se estabelece entre a impossibilidade de se traduzir e a exigência vinculada à tradução. Este dilema no qual o tradutor se encontra em seu ofício pode levar a opções criativas que lhe conferem visibilidade, desmitificando a tarefa da tradução como simples reprodução ou equivalência de termos entre línguas.

Palavras-chave: Tradução. Processo. Língua. Cultura.

ABSTRACT: This paper aims to highlight the options and strategies taken by the translator of the book *The Enigma of Oaf*, written by the Brazilian author Alberto Mussa, by comparing some passages of the Portuguese original to its English pair translated by Lennie Larkin. We base our analysis on two theoretical perspectives on the translation process: the traditional versus the postmodern approaches. (ARROJO, 1996 and 2003; BENJAMIN, 2000; DERRIDA, 2002; JAKOBSON, 2004; MITTMANN, 2003, among others) Our analysis allowed a greater reflection on that complex act which is translating, unveiling the double bind that establishes between the impossibility of translating and the demand linked to translation. That typical translator's dilemma may lead her/him to creativity and grant him/her visibility, demythologizing the task of translation as simple reproduction or equivalence of terms among languages.

Keywords: Translation. Process. Language. Culture.

Introdução

A história da tradução mostra que as pesquisas e estudos acerca desta temática foram substancialmente ampliados após a Segunda Guerra Mundial, quando a tradução emerge como campo acadêmico e despontam uma nova consciência da natureza do código e novas práticas textuais relacionadas à manipulação da cultura.

¹ Professora de Língua Inglesa da rede pública de ensino do Estado do Paraná, mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Brasil, e-mail: dorasilva68@yahoo.com

Mittmann (2003) classifica os estudos da tradução em duas vertentes opostas: aquela que adota uma concepção tradicional, que considera a tradução como transferência de uma mensagem de uma língua para outra; e aquela que se enquadra na visão contestadora, denominada por Derrida (2002) de visão desconstrucionista, que contraria a possibilidade de simples transferência de termos entre línguas e aponta outros elementos que interferem no processo tradutório o que, em outras palavras, resumem a problemática da tradução literal *versus* tradução livre.

Como se percebe, a classificação de Mittmann, assumida neste artigo como aporte teórico, segue um modelo binário proposto por Cícero (século I a.C.), cujas discussões já giravam em torno de um modo adequado de se traduzir: a tradução *ad verbum* (palavra por palavra) *versus* tradução *ad sensum* (sentido por sentido). No entanto, compreendemos que eleger um sistema binário do tipo “forma” *versus* “sentido” é uma questão de didática, cuja finalidade é o esclarecimento de algo, pois não podemos desconsiderar o cerne da questão: forma e sentido são indissociáveis, uma vez que o sentido está na forma e a forma é o sentido.

Tymoczko (2014), por sua vez, propõe uma outra classificação da história da tradução. A autora afirma haver duas abordagens – as abordagens linguísticas e funcionalistas – que antecedem uma terceira vertente, a que se dedica aos estudos descritivos da tradução. Ao contrário das abordagens linguísticas, que focalizam a descrição, a comparação das línguas e centram-se num conjunto de valores fixos de língua e textos, as abordagens funcionalistas, circunscritas no pensamento pós-positivista, além de ressaltarem o contexto social e histórico do texto-alvo, enfatizam a função cultural do texto-fonte e do texto traduzido nas culturas de chegada.

As abordagens funcionalistas serviram de pano de fundo para o aparecimento de pesquisas descritivas da tradução. É nesse contexto que surgem estudos teóricos que consideram o processo da tradução ligada à sua prática, desvelando o papel do tradutor e permitindo sua visibilidade como intérprete e autor.

Aliás, o papel do tradutor já era discutido também na época de Cícero. Alguns estudos descritivos mostram que muitas ideias e modelos da tradução medieval estão reaparecendo em determinados campos contemporâneos, ou por modismo ou por acaso, entre eles, a ética na tradução e a transformação frequente dos textos medievais para refletir a cultura de chegada. (ver CAMPBELL & MILLS, 2012; PYM, 2014; RIKHARDSDOTTIR, 2012)

Se por um lado o processo tradutório adquire uma grande complexidade na atualidade, por outro, a responsabilidade do tradutor também se amplia. Desta forma, nosso objetivo neste artigo é, a partir do aporte teórico da tradução, analisar a tradução de trechos da obra *O*

Enigma de Qaf, de Alberto Mussa, cujo enredo gira em torno da cultura pré-islâmica, e mostrar o percurso da tradutora, revelando suas estratégias e opções.

Ganhador de vários prêmios, inclusive internacionais, *O Enigma de Qaf* é narrado em três linhas narrativas distintas: uma narrativa principal e capítulos intermediários, os quais o autor denomina de parâmetros e excursos. Os parâmetros são lendas de heróis árabes e os excursos narrativas mais ou menos relacionadas à narrativa principal, que têm como objetivo criar uma busca fictícia da solução de um famoso enigma da cultura árabe. O autor da obra, Alberto Mussa, é um escritor carioca de origem árabe, nascido no Rio de Janeiro em 1961 e autor de vários outros romances.

A tradução da obra *O Enigma de Qaf*, material de nossa análise, encontra-se publicada na Revista online Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), que em coedição com o instituto Itaú Cultural, visa difundir as obras da literatura brasileira, em versões para outras línguas. Na verdade, não se trata da publicação da obra traduzida na íntegra, mas parte dela. Foram traduzidos e publicados no site <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/> apenas dois capítulos da narrativa principal e dois capítulos intermediários. A tradução do português para o inglês foi realizada por Lennie Larkin, tradutora americana que viveu no Brasil e atualmente mora em Boston.

Para a análise a que nos propomos, apresentaremos, em primeira instância, uma breve discussão teórica acerca das duas vertentes teóricas da tradução, para então passarmos à análise propriamente dita.

A Visão Tradicional da Tradução

Por muito tempo, a tradução foi concebida segundo o paradigma de trabalho produtivo *versus* trabalho reprodutivo. Desta forma, a tradução foi sempre relegada a papéis secundários em relação ao texto-fonte e apresentada como um “punhal com duas pontas”: tradução “palavra por palavra” e “sentido por sentido”. Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, com as *Les Belles Infidèles*, período do apogeu da tradução francesa, para ser bonita, a tradução tinha que ser infiel. (OUSTINOFF, 2011, p. 8). De lá para cá, fidelidade ou infidelidade tem sido uma questão que tem gerado muitas discussões teóricas.

Outras abordagens de tradução também surgem nesse meio tempo defendendo, ora a *estrangeirização*: processo que consiste na preservação das características linguístico-culturais do texto-fonte; ora a *domesticação*: processo que visa a adaptação do texto para a

cultura de chegada com eliminação de elementos que possam prejudicar a leitura. Mas estas abordagens não mudaram o conceito de tradução como reprodução.

A tradução como reprodução representa, portanto, a chamada visão tradicional que concebe essa prática como uma mera atividade de descoberta/decodificação do pensamento do autor para recodificá-lo em outra língua. Para resolver os problemas que possam surgir no processo ou no estudo da tradução, o teórico ou tradutor deve-se valer somente do texto e da língua como recurso. (MITTMANN, 2003, pp. 22-23).

Dentre os estudiosos tradicionais da tradução, dois autores são dignos de destaque: Walter Benjamin e Eugene Nida, cujos estudos já preconizavam uma mudança no panorama da área. O primeiro deles se destaca por refletir acerca do papel do tradutor; e o segundo, por atribuir igual importância tanto para as diferenças linguísticas quanto para as diferenças culturais. Vejamos o que dizem suas teorias acerca da tradução.

Em *A tarefa do Tradutor*, ensaio escrito em 1921 e publicada em 1923 como prefácio à obra *Tableaux Parisiens*, de Charles Baudelaire, Walter Benjamin, filósofo e crítico, declara-se opositor aos conceitos de fidelidade à palavra, pois para ele “a fidelidade na tradução de palavras individuais quase nunca reproduz plenamente o significado que elas têm no original”. (BENJAMIN, 2004, p. 21, tradução nossa²) Para o autor, traduzir não é apenas transmitir mensagens, a “tradução é uma forma³, para compreendê-la como forma, é preciso voltar ao original. Porque o original contém a lei que governa a tradução: a sua traduzibilidade”. (BENJAMIN, 2004, p.16, tradução nossa⁴)

A traduzibilidade é então, na visão de Benjamin, “própria da essência de certas obras” (BENJAMIM, 2004, p.16, tradução nossa⁵) e a significação, inerente à obra, se manifesta pela traduzibilidade, o que significa dizer que, enquanto forma, isto é, o modo de significar do original, a obra exige ser traduzida.

A tradução, na visão de Benjamin, tem o potencial de alcançar o que ele chama de uma língua pura e a tarefa do tradutor é claramente distinta da tarefa do poeta, posto que o tradutor se isenta da criação de sentido, já presente no ‘original’. Para Benjamin “a tarefa do tradutor consiste em encontrar o efeito pretendido (a intenção) na língua que ele está traduzindo, o que produz nele o eco do original”. (BENJAMIM, 2004, pp.19-20, tradução

² Fidelity in the translation of individual words can almost never fully reproduce the meaning they have in the original. (BENJAMIN, 2004, p. 21)

³ Conceito saussureano relacionado à língua como sistema social e abstrato e não à linguagem em uso.

⁴ Translation is a mode. To comprehend it as mode one must go back to the original, for that contains the law governing the translation: its translatability. (BENJAMIM, 2004, p.16)

⁵ Translatability is an essential quality of certain works [...](BENJAMIM, 2004, p.16)

nossa⁶) Em outras palavras, a tarefa do tradutor é recriar a criação, pois é na recriação que a tradução desvela a língua pura.

Se a teoria de Benjamin contribui para os estudos da tradução à medida que introduz a tarefa do tradutor como uma temática que deve ser discutida e aprofundada, os estudos de outro autor, Eugene Nida (2004), conceituado tradutor da bíblia, se destaca pela elaboração de um modelo de tradução que se tornou suporte para muitos tradutores e que inclui a cultura como uma variável que pode interferir no processo tradutório e, se levada em conta, contribui para melhor elucidação das ambiguidades e identificação das diferenças culturais. Para o autor, “as diferenças entre as culturas podem trazer maiores complicações para o tradutor do que as diferenças na estrutura da língua”. (NIDA, 2004, p. 130, tradução nossa⁷)

Com base na gramática gerativo-transformacional de Noam Chomsky e na teoria da comunicação, a formulação teórica de Nida, a da equivalência dinâmica, publicada no ensaio *Principles of Correspondence* em 1964, visa reproduzir na língua do receptor, a equivalência natural mais próxima da mensagem na língua alvo. Sua teoria é construída a partir de dois pressupostos: 1) as frases dos enunciados têm uma carga semântica que pode ser resgatada por meio de uma análise minuciosa e transferida para outra língua, com o mínimo de distorções, e 2) a transferência do conteúdo é prioritária em relação à forma. (RODRIGUES, 2000, p. 66)

Como se percebe, nem Benjamin, nem Nida tinham a preocupação de elaborar um conceito de tradução. É na tentativa de problematizar o conceito de tradução que o linguista e literário Roman Jakobson, na obra *On Linguistic Aspects of Translation* publicada em 1959, elabora uma teoria que permitiu que a tradução, até então despercebida, adquirisse um valor primordial, formulando uma concepção de tradução.

A teoria de Jakobson, a da equivalência na diferença, foi concebida na teoria de signos de Pierce, filósofo, matemático, especialista na área de lógica e fundador da abordagem semiótica. Segundo a teoria de Jakobson (2004, p. 114), o linguista age como um intérprete do signo linguístico, produzindo três tipos de tradução:

1. a tradução intralinguística ou reformulação: que consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
2. a tradução interlinguística ou tradução propriamente dita: que configura como uma interpretação de signos verbais por meio de alguma outra língua;

⁶ The task of the translator consists in finding that intended effect [*Intention*] upon the language into which he is translating which produces in it the echo of the original. (BENJAMIM, 2004, pp.19-20)

⁷ [...] differences between cultures cause many more severe complications for the translator than do differences in language structure. (NIDA, 2004, p. 130)

3. e a Tradução intersemiótica ou transmutação: fundada na interpretação de signos verbais por meio de sinais de sistemas de signos não-verbais.

Desta forma, a tradução tem seu escopo e definição ampliados, à medida que deixa de ser mera substituição de um signo para outro para constituir um fenômeno semiótico de comunicação. Na perspectiva de Jakobson, traduzir é interpretar.

A partir da definição de Jakobson outras discussões se seguiram. Nas últimas décadas, vários estudiosos da tradução têm contribuído para o questionamento de fatores que interferem na tradução, como a autoridade canônica do ‘original’, a suposta hierarquia entre ‘original’ e tradução, a fidelidade ou infidelidade ao ‘original’, bem como a (in)visibilidade do tradutor, entre outros.

A visão contestadora ou desconstrucionista da tradução

Diferentemente da visão tradicional, a visão contestadora percebe a tradução como um processo de produção de sentidos advindo da interpretação que o tradutor faz do texto-fonte. A interpretação, na visão contestadora, não é determinada somente pela subjetividade do tradutor, mas por fatores externos, tais como o contexto, o momento histórico e a cultura a que se destina o texto a ser traduzido. Nessa nova visão, o tradutor e a tradução deixam de ser considerados meros reprodutor e reprodução, respectivamente, para adquirirem visibilidade no contexto pós-moderno. Alguns autores que se destacam nessa nova perspectiva são Jacques Derrida, Theo Hermans, Rosemary Arrojo, Solange Mittmann e Susan Bassnett.

Em *Torres de Babel*, obra célebre que retoma o pensamento de Benjamin, Derrida (2002) discute problemas teóricos e contesta algumas das concepções tradicionais da tradução. Retomando o mito babélico, que em sua gênese é tanto um nome próprio: ‘Deus’ ou ‘Cidade de Deus’ – portanto, intraduzível – quanto um nome comum: ‘confusão’, Derrida percebe o *double bind* (dupla dobra) que se estabelece no processo tradutório, como uma tarefa ao mesmo necessária e impossível.

A concepção de tradução engendrada por Derrida é aquela da perspectiva da linguagem em uso, vista como desconstrução, uma postura teórica que visa “esgotar a multiplicidade de sentidos que são sempre provisórios e transitórios” (BATALHA, 2007, p. 68).

Para demonstrar sua posição, o autor cunha o conceito de *differance* (diferença/diferância), um neografismo que, levando em conta o conceito de Saussure de diferença entre forma/conteúdo, desconstrói conceitos solidamente estabelecidos.

É no contexto da desconstrução que Derrida (2002), a partir da definição apresentada por Benjamin, supõe a tradução como “um engajamento, um dever, uma dívida, uma responsabilidade” (p. 27). Daí que, para o autor, o tradutor é endividado e sua tarefa é a de devolver o que devia ter sido dado ao texto ‘original’, o que pressupõe também o endividamento do autor do texto original, pois a restituição de sentido, aquilo que Benjamin concebe como a tarefa do tradutor, é “uma dívida que não se pode quitar” (DERRIDA, 2002, p. 25), dado que não se pode restituir aquilo que lhe falta.

Assim, Derrida conclui que a tradução é sempre incompleta, inacabada, nunca pode ser esgotada, devido à pluralidade de significado das palavras, o que o faz questionar a existência de uma ‘língua pura’. Para o autor, original e tradução se completam e a sobrevida do original não está na tradução propriamente dita, mas no contrato estabelecido entre o original e a tradução, que compreende a transformação de ambos:

[...] uma tradução esposa o original quando os dois fragmentos ajuntados, tão diferentes quanto possível, se completam para formar uma língua maior, no curso de uma sobrevida que modifica todos os dois. Pois a língua materna do tradutor, nós constatamos, altera-se aí igualmente (DERRIDA, 2002, p. 50).

Nessa transformação, a obra traduzida adquire um status de coprodução e não mais de cópia do texto-fonte, pois, em sua tarefa, o tradutor cria, mantém viva a obra, o que só é possível pela tradução.

Defendendo a ‘visibilidade’ da tradução como área do conhecimento e disciplina acadêmica, Arrojo (1996) atribui uma grande importância para os conceitos de Derrida, considerando que eles permitiram o abandono de perspectivas científicas e do desejo impossível de se sistematizar e tornar asséptica a tarefa de traduzir. Para a estudiosa:

A partir de uma dessacralização do chamado "original" e dos conceitos tradicionais de autoria e leitura, e da consequente aceitação de que traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados, num contexto em que se começam a reavaliar as relações tradicionalmente estabelecidas entre teoria e prática e a abandonar a perseguição inócua da leitura desvinculada da história e suas circunstâncias, a reflexão sobre tradução sai das margens dos estudos linguísticos, literários e filosóficos que sempre buscaram a repetição do mesmo (sic) e o algoritmo infalível da tradução perfeita e assume um lugar de destaque no pensamento contemporâneo filiado à pós-modernidade (p. 62).

Arrojo compreende que toda tradução é um produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante, por isso, “não é uma pura compreensão ‘neutra’, desinteressada” (2003, p. 68) e reconhece que já é hora de conscientizar os tradutores acerca de sua responsabilidade autoral, seja a mais simples das traduções. Para ela, “quanto mais conscientes estiverem dessa realidade e do papel que exercem sobre e a partir dela, menos hipócrita e menos ingênua será a intervenção linguística, política, cultural e social que inescapavelmente exercem”. (1996, p. 64)

Hermans, outro defensor da visão contestadora ou desconstrucionista, reconhece a importância dos aspectos culturais na tradução e propõe a noção de tradução como manipulação:

[...] todos reconhecemos que na tradução, na reformulação e re-embalagem de um texto de origem para um novo destinatário, num âmbito cultural diferente, uma forma de alteração e adaptação e, portanto, um grau de manipulação, invariavelmente ocorre. (HERMANS, 1996, p. 8, tradução nossa⁸).

Retomando o modelo hermenêutico da tradução, Hermans aponta para a ilusão da coincidência entre o texto-fonte e o texto traduzido. Para ele, “a tradução tem um ‘outro’ dentro de si, ‘o outro da tradução’, que compreende as ambivalências e paradoxos, a hibridade e pluralidade, sua alteridade como inabilidade, se assim desejar, em contraste com a percepção da tradução como réplica ou reprodução” (HERMANS, 1996, p. 4, tradução nossa⁹). Isto significa que a tradução nunca é a mesma do original. Ela, em si, já é outro texto e, portanto, possui uma originalidade que lhe é peculiar, o que supõe dizer que sua posição secundária e derivada não existe.

Segundo Hermans, línguas e culturas não são sistemas simétricos ou mesmo isomorfos, dado que para cada instância de consonância também há dissonância, não só na linguagem da tradução, mas também no contexto, na intenção, na função, em toda a situação comunicativa. Por isso, “os textos traduzidos – como outros textos, são sempre inerentemente

⁸ [...] we all recognize that in translating, in recasting and re-packaging a source text for a new recipient in a different cultural circuit, a form of alteration and adjustment, and hence a degree of manipulation, invariably takes place. (HERMANS, 1996, p. 8)

⁹ ‘Translation’s Other’, then, comprises, among other things, the ambivalences and paradoxes, the hybridity and plurality of translation, its ‘otherness’ as ‘awkwardness’ if you like, in contrast to the perception of translation as replica or reproduction [...].(HERMANS, 1996, p. 4)

plurais, instáveis, descentralizados, híbridos. A voz do outro, a voz do tradutor está sempre lá.” (HERMANS, 1996, p. 5, tradução nossa¹⁰).

Para ilustrar o que ele chama de ‘a voz do tradutor’, Hermans retoma a função metalinguística de Roman Jakobson, explanando que nem sempre a tradução é possível, necessitando a interpretação e adequação do tradutor ao contexto cultural para a qual a obra está sendo traduzida:

Tradutores nunca “apenas traduzem”. Eles traduzem no contexto de certas concepções e expectativas sobre a tradução. Nesse contexto, eles fazem escolhas e assumem posições porque têm objetivos a serem atingidos, interesses a serem perseguidos, causas materiais e simbólicas a serem defendidas. Tanto o contexto quanto as ações dos grupos e indivíduos são determinados socialmente. Os tradutores são também agentes sociais. (HERMANS, 1996, pp. 9 – 10, tradução nossa¹¹).

Assim, como um produto cultural e ideológico, o ‘outro’ da tradução não é simplesmente o seu texto de origem porque “a tradução constrói, produz ou, num passo adiante, ‘inventa’ seu original” (HERMANS, 1996, p. 9, tradução nossa¹²).

O contexto cultural e ideológico na tradução é também uma temática debatida por Susan Bassnett. Concordando com Hermans no que diz respeito aos processos manipulatórios que envolvem a produção textual, Bassnett argumenta que

Um escritor não escreve em um vácuo: ele ou ela é o produto de uma cultura particular, de um momento particular no tempo e a escrita reflete esses fatores tais como raça, sexo, idade, classe e local de nascimento, bem como as características estilísticas e idiossincráticas do indivíduo. (BASSNETT, 1998, p.136, tradução nossa¹³)

e assinala as relações de poder inerentes à produção textual e à tradução como criação, que constituem uma espécie de ‘censura’ na imposição do significado:

¹⁰ [...] translated texts - like other texts, only more so - are always, inherently, plural, unstable, de-centred, hybrid. The ‘other’ voice, the translator’s voice, is always there. (HERMANS, 1996, p. 5)

¹¹ Translators never ‘just translate’. They translate in the context of certain conceptions of and expectations about translation. Within this context, they make choices and take up positions because they have goals to reach, interests to pursue, material and symbolic stakes to defend. Both the context and the actions of individuals and groups are socially determined. Translators too are social agents (HERMANS, 1996, pp. 9-10)

¹² [...] translation constructs or produces or, one step further, ‘invents’ its original. (HERMANS, 1996, p. 9)

¹³ A writer does not just write in a vacuum: he or she is the product of a particular culture, of a particular moment in time, and the writing reflects those factors such as race, gender, age, class, and birthplace as well as the stylistic, idiosyncratic features of the individual.

Ao se comparar a versão traduzida com o original, a evidência de tal censura é fácil de ser observada, no que diz respeito aos textos escritos. Os romances de Emile Zola, por exemplo, foram, substancialmente, cortados e editados por tradutores e editores, quando apareceram pela primeira vez em Inglês. Recentemente, vários pesquisadores começaram a olhar para outras formas não tão imediatamente identificáveis de censura, especialmente no cinema, onde, por exemplo, fatores técnicos podem ser utilizados como meio de remoção de material considerado inaceitável tendo em vista as limitações particulares das legendas, [...] ou a necessidade na dublagem que fazem parecer coincidir os sons com os movimentos físicos mostrados na tela. (BASSNETT, 1998, p.136, tradução nossa¹⁴)

Também defendendo a visibilidade do tradutor, Mittmann (2003) analisa as notas do tradutor sob uma perspectiva discursiva e chega à conclusão de que a nota do tradutor não é um discurso paralelo ou um mesmo discurso do autor, mas um discurso de extensão, baseado no texto da tradução, um lugar privilegiado para mostrar os caminhos percorridos durante o processo tradutório, no qual o tradutor pode dividir com o leitor a responsabilidade pela produção de sentidos.

A análise da autora mostra que, na relação entre tradutor e autor, tanto pode haver aliança quanto confronto, desmitificando um pré-construído acerca do tradutor apenas como reprodutor do ‘original’. Para Mittmann, “na tradução, sempre há espaço para a resistência, o deslizamento, a fuga, o equívoco, os outros sentidos” (2003, p.177).

Análise da tradução

Antes de iniciarmos nossa análise, precisamos observar que o romance *O Enigma de Qaf* possui 28 capítulos. Todavia, na revista Machado de Assis, foram compilados somente os dois primeiros capítulos, nomeados conforme as duas primeiras letras do alfabeto árabe, e os dois capítulos intermediários (um parâmetro e uma excursão). Desta forma, nossa análise terá como corpus esse material.

O parâmetro escolhido para a compilação da obra disponibilizada na revista, denominado *Imru al-Qyaus*, conta a lenda do poeta de mesmo nome do capítulo, expulso pelo pai de sua tribo, por ser considerado um devasso. Já o excuro, intitulado *O Primeiro Árabe*, narra a história de Yarub, criador da língua árabe que queria fazer dela uma língua infinita.

¹⁴ By comparing the translated version with the original, the evidence of such censorship is easy to see where written texts are concerned. The novels of Emile Zola, for example, were heavily cut and edited by translators and publishers when they first appeared in English. Recently a number of researchers have begun to look at other, less immediately identifiable forms of censorship, particularly in cinema, where, for example, technical factors can be used as means of removing material deemed unacceptable [...] or the need in dubbing to make sounds match physical movements shown on screen. (BASSNETT, 1998, p.136)

A análise tem como foco dez recortes discursivos da obra, doravante RD, nomeados como: RD1, RD2, e assim, sucessivamente, dos quais cinco recortes pertencem ao primeiro capítulo, três ao excurso e dois ao parâmetro.

Ao iniciarmos a leitura do texto e compará-lo ao texto-fonte, já nos deparamos com uma diferença na sua organização na tradução. No texto-fonte, há uma nota de advertência logo após a abertura do capítulo 1, que se assemelha a uma nota explicativa da organização do livro, oferecendo ao leitor algumas possibilidades distintas de leitura. Já na obra traduzida, esta nota aparece antes do capítulo 1.

Na tradução, na abertura do capítulo 1, observamos também algumas diferenças na composição do texto:



Figura 1 – RD1 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Capítulo I, da obra O Enigma de Qaf.

Nesse recorte discursivo, observamos que as palavras em árabe, إله e الله são omitidas na tradução. A utilização da vírgula, na tradução, pode nos levar a crer que essa omissão não foi intencional, mas apenas um lapso de edição, pois há uma lacuna no texto traduzido entre o sintagma *of* e o sinal gráfico da vírgula. A omissão das duas palavras em árabe interfere no entendimento do enunciado e aproxima o leitor do mundo da narrativa, da cultura árabe.

Há dois termos culturalmente marcados nesse recorte e, portanto, impossíveis de se traduzir. O primeiro deles, “Alif”, mantido na mesma forma transliterada, tanto pelo autor do texto-fonte, quanto pela tradutora, se refere à primeira letra do alfabeto árabe. O segundo termo, um nome próprio, ‘Xerazade’ – narradora do conto *As Mil e uma Noites* – passa por outro processo de transliteração do texto-fonte para o texto traduzido.

Já o RD2 abaixo, também retirado do capítulo 1, mostra que o autor do texto-fonte utiliza-se de um termo gramaticalizado na forma coloquial, o sintagma adverbial ‘então’, sinônimo de ‘tempo’, o qual a tradutora traduz, sabiamente, para o seu idioma como ‘time’:

Todavia, como prova do gosto refinado de então, apenas sete dos poemas compostos nessa época foram riscados sobre peles de camela e mereceram ser suspensos da grande Pedra Preta que ainda existe em Meca, para ali penderem até se eternizarem na memória dos beduínos.

However, as proof of the refined taste of the time, only seven of the poems written during this epoch were transcribed on to camel skins and deemed worthy of being suspended from the great Black Stone which still exists in Mecca, to hang there until made eternal in the memory of the Bedouin.

Figura 2 – RD2 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Capítulo I, da obra O Enigma de Qaf.

Nesse mesmo recorte discursivo, observamos também a opção da tradutora de utilizar o sintagma verbal ‘transcribed’ para traduzir o sintagma ‘riscados’, conforme o texto-fonte, termos que se diferenciam semanticamente, pois ‘transcrever’ significa ‘copiar, reproduzir por escrito’, enquanto que ‘riscar’ é sinônimo de ‘desenhar’. Como o idioma árabe possui uma escrita não-alfabética, a escolha do autor é justificada. A adaptação do termo para a cultura de chegada foi necessária tendo em vista que a tradutora leva em conta a referência aos sintagmas nominal ‘versos do poema’, para traduzir o enunciado, de forma que este faça sentido.

Já no recorte discursivo abaixo, também do capítulo 1, a tradutora opta por iniciar o enunciado pelo sintagma adverbial ‘while’ (‘enquanto’), ao invés do sintagma ‘when’ (‘quando’). Segue o RD3:

Quando estive em Beirute, há uns poucos anos, levei comigo a versão de um oitavo poema que — sustento — certamente figurou entre os que penderam da grande Pedra Preta. A tradição não-canônica o denomina Qafiya al-Qaf, título que se pode traduzir por “poema, cuja rima é a letra qaf, que trata da montanha chamada Qaf”. Um jogo de palavras, como se vê.

While in Beirut a few years back, I carried with me a version of an eighth poem that - I maintain - was certainly among those that hung from the great Black Stone. Non-canonical tradition refers to it as Qafiya al-Qaf, which can be translated as “poem, whose rhyme is based on the letter qaf, which deals with the mountain named Qaf”. A play on words, as you can see.

Figura 3 – RD3 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Capítulo I, da obra O Enigma de Qaf.

Também nesse recorte discursivo, encontramos um exemplo da tradução interlinguística de Jakobson realizada duplamente: a primeira delas, no próprio texto-fonte, na explicação do narrador do que significa ‘Qafiya al-Qaf’, transcrito, como vemos, na

linguagem alfabética e não no idioma árabe. E a segunda, na tradução, realizada nos mesmos moldes do autor do texto-fonte, diferenciando-se apenas pela inserção do sintagma ‘based on’ no enunciado. Aliás, a inserção deste termo muda sutilmente o sentido do enunciado. Veja que: “cuja rima é a letra qaf”, no texto-fonte, difere de “cuja rima é baseada na letra qaf”, no texto de chegada. Parece-nos que a inserção deste termo não foi uma escolha feliz da tradutora. Passemos para a análise do próximo recorte discursivo, o RD4, também do capítulo 1:

Professores, eruditos, intelectuais que tiveram o privilégio de ler a obra afirmaram nunca terem tido notícia do poema e desconhecerem completamente tanto o enredo quanto as personagens. Expliquei que aquele texto era uma reconstituição do original — tão inverídico quanto possa ser um quadro, uma escultura, um monumento recuperado pelas mãos de um restaurador.

Professors, scholars and intellectuals who have had the privilege of reading the work, confirm that they had never heard of the poem and that they were not at all familiar with either the plot or its characters. I explained that the text was a reconstruction of the original - only as inauthentic as a rock, sculpture, or monument preserved by the hands of a restorer.

Figura 4 – RD4 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Capítulo I, da obra O Enigma de Qaf.

No RD4, observamos que a tradutora utiliza o Present Perfect: ‘have had the privilege’, o Past Perfect Tense: ‘had never heard’, na tradução do enunciado “Professores, eruditos, intelectuais que tiveram o privilégio de ler a obra afirmaram [...]”. A tradutora opta pelo sintagma verbal ‘confirm’ no presente simples, para traduzir o sintagma verbal ‘afirmaram’, no pretérito perfeito, ambos sinônimos. A adequação nos tempos verbais que a tradutora faz na tradução do enunciado “nunca terem tido notícia do poema” para “they had never heard of the poem”, também é outra prova da não equivalência entre as línguas, haja vista a diferença de uso de diferentes tempos verbais nas duas línguas. A mesma coisa ocorre na tradução de “desconhecerem completamente” por “they were not at all familiar with”.

Observamos também que na tradução do RD5 abaixo, retirado do capítulo 1, no enunciado “I had no sources”, a tradutora opta pelo uso da primeira pessoa ao invés da terceira, como o fez o autor do texto-fonte, que preferiu a impessoalidade da ação: “não havia fontes”:

Fui, assim, obrigado a revelar que não havia fontes, se o conceito se aplica apenas à matéria escrita; e que fora meu avô Nagib, ao se apaixonar por minha avó Mari, fugir de casa e embarcar clandestinamente no vapor que levava a família de Mari para o Brasil, quem trouxera, além de uma bagagem apenas constituída de livros, parte dos versos da Qafiya al-Qaf, sabidos de cor.

So it was that I was forced to reveal that I had no sources, if this concept applies only to written material; and that it was my grandfather Naqib who, on falling in love with my grandmother Mari, ran away from home and secretly embarked on the steamship that was carrying Mari's family to Brazil, who carried, besides a suitcase filled only with books, part of the verses of The Riddle of Qaf, memorised by heart.

Figura 5 – RD5 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Capítulo I, da obra O Enigma de Qaf.

Notadamente, no texto-fonte, o autor mantém um paralelismo nos sintagmas verbais, ao utilizar o infinitivo: “ao se apaixonar [...] fugir [...] embarcar [...]”. Já a tradutora opta pelo passado simples em ‘ran away’ e ‘embarked’. O sintagma verbal ‘levava’, no passado simples, é traduzido pelo verbo no passado progressivo ‘was carrying’, também visando a melhor compreensão do enunciado pelo leitor, que estranharia a construção caso a tradutora tivesse mantido os tempos verbais.

Uma modificação no nome próprio: ‘Nagib’ para ‘Naguib’ no texto traduzido também nos chamou a atenção. A explicação para esta modificação é a existência de várias grafias para este nome próprio: ‘Nagib’, ‘Naguib’, ‘Najib’. Segundo o special-dictionary.com, ‘Nagib’ é uma forma variante para ‘Najib’. Tanto ‘Najib’ quanto ‘Naguib’ significam ‘nobre’ em árabe, portanto, a variante escolhida pela tradutora pode ser aquela com que o público-alvo do texto traduzido, supostamente, estaria mais familiarizado.

Nesse mesmo recorte discursivo, ‘sabido de cor’ é traduzido como ‘memorized by heart’, evidência, mais uma vez, da exploração de sinônimos na tradução. Mas, o mais interessante é que esta construção mantida no português na mesma base etimológica do latim, ‘de coração’ (‘de cor’), é na língua inglesa uma expressão figurativa: ‘know/memorize by heart’.

Abaixo, percebemos que a tradutora, no recorte discursivo retirado do excurso intitulado *O primeiro Árabe*, traduz o sintagma ‘estrito’ por ‘written’. Vejamos o RD6:

Para os árabes da Idade da Ignorância, as tribos geradas pelos doze filhos de Ismael não eram árabes, no sentido estrito do termo. Tinham sido arabizadas pelos verdadeiros árabes, originários do Iêmen, de quem aprenderam o idioma e adotaram os costumes.

For the Arabs of the Age of Ignorance, the tribes descended from Ishmael's twelve sons were not Arabs in the written sense of the term. They had been Arabised by the true Arabs, natives of Yemen, from whom they had learnt the lan-

Figura 6 – RD6 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Excurso O Primeiro Árabe, da obra O Enigma de Qaf.

A tradução pode parecer um equívoco da tradutora, haja visto que a expressão “in the strict sense of the term” em inglês possui a mesma acepção da expressão “no sentido estrito (exato) do termo” em português. A semelhança na forma entre os dois vocábulos “estrito” e escrito justificaria o equívoco. No entanto, a expressão “no sentido escrito do termo” é uma forma acertada na tradução do enunciado, tendo em vista que há vários sentidos distintos da

palavra escrita “árabe”: 1) relativo à península arábica; 2) relativo ou pertencente à população falante do árabe; 3) (por extensão) mulçumano. Portanto, considerando o enunciado “Tinham sido arabizados, pelos verdadeiros árabes...”, o “sentido escrito do termo árabe” se refere a “mulçumano”, na acepção de que os filhos de Ismael foram convertidos ao Islamismo. A opção da tradutora é reforçada pela informação contida no mesmo recorte discursivo, “idade da ignorância”, ou seja, o período que antecede o surgimento do Islamismo, cujo início é marcado pela fuga de Maomé para Medina em 622 d.C., após ser perseguido na cidade de Meca.

Conforme já percebido em outros recortes discursivos analisados, a tradutora procura explorar a pluralidade de sentidos, como apregoa Derrida. Assim, ela opta por utilizar um sinônimo de “originários”, traduzindo-o como “natives”. O mesmo ocorre na tradução de “Já no leito de morte”, na qual a tradutora opta por uma expressão próxima àquela usada pelo autor do texto-fonte: “Already on the edge of death”, ao invés de “Already on his death bed”, conforme o RD7:

Já no leito de morte, após ter infinitamente fracassado, congregou os filhos para redimir-se.
— Não acredito em sinônimos.
E não falou mais nada.
Already on the edge of death, after having infinitely failed, he called his children together so as to redeem himself. "I don't believe in synonyms."
And he spoke not one more word.

Figura 7 – RD7 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Excurso O Primeiro Árabe,

Ao traduzir “congregou os filhos” por “called his children together”, a tradutora também opta por trocar a tradução literal do sintagma verbal “congregate”, por um sinônimo menos rebuscado: “call together”, provavelmente, tendo em vista o seu leitor. Já no último enunciado deste recorte discursivo, “E não falou mais nada”, ela explora outra possibilidade de tradução que se diferencia na forma, mas não em conteúdo: “And he spoke not one more word”. Sua opção pela exploração de sentidos é mais um indício da não submissão da tradutora à autoridade do ‘original’.

No recorte discursivo a seguir, a omissão de uma frase é facilmente identificada:

Mas só quando me dediquei à ciência das estrelas, na forma primitiva em que surgiu entre os caldeus, pude recompor o poema original e chegar à solução do enigma de Qaf.
But it was only when I dedicated myself to the science of the stars, in the primitive fashion that arose among the Chaldeans, that I could reconstruct.

Figura 8 – RD8 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Excurso O Primeiro Árabe, da obra O Enigma de Qaf.

No RD8, percebemos a omissão na tradução do enunciado “o poema e chegar à solução do enigma de Qaf”. Não entendemos que essa omissão tenha relação com aquilo que Bassnett aponta, em relação a algum tipo de ‘censura’ na imposição do significado. Nem tampouco que a supressão do enunciado significa subtração de sentido. Trata-se apenas de uma adaptação à típica economia sintática do inglês

No RD9, também retirado do parâmetro “Imru-al-Qays”, identificamos, novamente, a criatividade da tradutora em seu ofício:

Al-Qays foi um devasso. Dizem que tinha olhos de bezerro e que com esses olhos seduziu um sem-número de mulheres. Amou a filha casta do próprio César, quando esteve em Constantinopla, entre os muros do palácio e os guardas bizantinos. Invadia acampamentos à noite para raptar amantes. Gostava particularmente de surpreender meninas nuas, quando tomavam banho nos oásis. Al-Qays tinha a paixão da forma.

Al-Qays was reckless. There are those who say he had the eyes of a year-old calf and that, with these eyes, he seduced countless women. While in Constantinople, he even made love to the virgin daughter of Caesar himself, between the very palace walls and under the noses of the Byzantine guards. He crept into encampments at night to kidnap lovers. He was particularly fond of surprising naked girls while they bathed in the oasis. Al-Qays possessed true passion. At the beginning

Figura 9 – RD9 do texto-fonte e do texto traduzido, retirado do Parâmetro: Imru al-Qays, da obra O Enigma de Qaf.

Primeiramente, a tradutora faz uma adequação para seu idioma na tradução de “Dizem”, haja vista a impossibilidade de tradução literal. Ela teria a opção de traduzir como “They say”, mas acreditamos que sua opção, “There are those who say” mantém melhor a impessoalidade na ação adotada pelo autor da obra.

Já na tradução do sintagma ‘bezerro’, ela opta por incluir palavras que o qualificam: ‘a year old’, para frisar que se trata de um bezerro bem jovem. Da mesma forma, ela inclui a expressão ‘under the noses’, ao traduzir os sintagmas ‘dos guardas bizantinos’, para dar ênfase ao ato do personagem. A inserção de informações é, pois, prova de autoria da tradutora e não da transferência de uma mensagem de uma língua para outra.

Todavia, a tradução do enunciado “tinha a paixão pela forma” como “possessed true passion”, na qual o sintagma ‘forma’ é omitido, interfere na construção de sentido. Questionamos o que seria essa “true passion” para a tradutora, pois este mesmo enunciado, “tinha a paixão pela forma”, é traduzido de outra maneira, muito próxima ao do autor do texto-fonte, “he was passionate about form”, no recorte discursivo que finaliza o parâmetro e a obra analisada por nós, transcrito abaixo:

Disse que tinha a paixão da forma. Amava mais as marcas de um corpo na areia que a mulher que estivera ali deitada.

They say that he was passionate about form. He loved the imprint of a body in the sand.

Em “amava mais as marcas de um corpo na areia que a mulher que estivera ali deitada”, os recursos expressivos ‘mais’ e ‘que’ revelam esta característica do personagem da história, Imru al-Qays. E isto não transparece na tradução, justamente pela omissão. A questão aqui não é a fidelidade ao texto-fonte, mas a omissão de uma característica do personagem principal, difundida no contexto cultural árabe e, que de certa maneira, é alterada na tradução.

De um modo geral, percebemos que a tradução empreendida por Lenny Larkin se enquadra numa visão desconstrucionista porque a tradutora exerce seu papel não como reprodutora da obra, mas como alguém que interpreta e cria. No entanto, acreditamos que a tradutora poderia ter se aproximado mais do seu leitor, se tivesse explorado o recurso de nota de rodapé ou nota do tradutor para inserir explicações de um termo ou informação adicional que situe o leitor para o contexto cultural da obra, ou para compartilhar seu percurso na tradução, algo não identificado em nossa análise. Constatamos que há somente uma nota feita pelo próprio autor do texto-fonte, traduzida na íntegra, que traça um comentário sobre a possibilidade de Dante Alighieri ter dado o nome de Virgílio a Imru al-Qays.

Considerações Finais

Neste artigo, discutimos as questões que envolvem o processo tradutório a partir de duas visões distintas: a tradicional e a contestadora ou desconstrucionista, por meio da análise da tradução de parte da obra *O Engima de Qaf*, de Alberto Mussa, uma obra culturalmente marcada.

Evidenciamos, em nossa análise, que as opções e estratégias utilizadas na tradução dão visibilidade à tradutora, pois o processo tradutório não constituiu uma simples passagem de uma língua para outra, como um simples ato comunicativo, mas um processo mais amplo, de interpretação, de ressignificação, considerando a diversidade cultural e linguística do contexto de chegada. Sejam textos culturalmente marcados ou não, a impossibilidade da tradução exige do tradutor a construção de outro discurso, um discurso que parte de alguém, o tradutor e é destinado a um público, o leitor, ambos os sujeitos social e historicamente situados.

Nossa análise também mostrou, além da complexidade que é traduzir, a necessidade de refletir acerca dos problemas da tradução. Temos que considerar que discrepâncias podem

ocorrer, mas estas devem servir para uma análise minuciosa daqueles que pretendem atuar na área no sentido de se explorar os reais motivos das escolhas efetuadas na tarefa do tradutor. Afinal, “quando conto uma mentira, não estarei retomando uma verdade mais antiga?”.

Referências

ARROJO, Rosemary. As questões teóricas da tradução e a desconstrução do Logocentrismo: algumas reflexões. In: _____ (org.). *O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 2003, pp. 71-79.

_____, Rosemary. *Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade: o reconhecimento da diferença e a perda da inocência*. Florianópolis: UFSC, 1996. Cadernos de Tradução, n.1, pp. 53-70.
Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/5064/4567> - Acesso em 16/08/2013.

BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR., Geraldo Ramos. *Tradução*. São Paulo: Vozes, 2007.

BASSNETT, Susan, The Translation Turn in Cultural Studies. In: _____, Susan & LEFEVERE, André. (eds). *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Multilingual Matters: Clevedon: 1998, pp. 123-139.

BENJAMIN, Walter. The task of translator. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000, p. 17-25.

CAMPBELL, Emma and MILLS, Robert. (eds.) *Rethinking Medieval Translation: Ethics, Politics, Theory*. Woodbridge: D.S. Brewer, 2012. 304 p.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HERMANS, Theo. *Translation's Other*. An Inaugural Lecture Delivered at University College London on Tuesday 19 March, 1996. London: University College London, 1996. Disponível em: http://discovery.ucl.ac.uk/198/1/96_Inaugural.pdf - Acesso em 05/08/2013.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: VENUTI, Lawrence. (ed.) *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2004, pp. 113-118.

MITTMANN, Solange. *Notas do Tradutor e Processo Tradutório: Análise e Reflexão sob uma Perspectiva Discursiva*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

MUSSA, Alberto. *The riddle of Qaf*. Tradução de Lennie Larkin. Disponível em: <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/> Acesso em: 28/08/2013.

NIDA, Eugene A. Principles of Correspondence. In: VENUTI, Lawrence. (ed.) *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2004, pp. 126-140.

OUSTINOFF, M. *Tradução, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2011.

PYM, Antony. *The Medieval Postmodern in Translation Studies*. Disponível em: http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/2014_MedievalPostmodern_web.pdf - Acesso em 12/04/2015.

RIKHARDSDOTTIR, Sif. *Medieval Translations and Cultural Discourse: The Movement of Texts in England, France and Scandinavia*. Cambridge: D. S. Brewer, 2012. 212 p.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.